

**O PERIGO E A ARMADURA:  
UM ESTUDO DO DISCURSO ACERCA DA MULHER EM YAMAMOTO**

Sandra Mina Takakura  
e-mail:sandramita@hotmail.com  
<http://lattes.cnpq.br/6477565691029568>

**RESUMO**

*Yohji Yamamoto* é um dos estilistas japoneses conhecidos no mundo da alta-costura, contemporâneo de *Kenzo*, *Yamamoto* se destaca pelo uso de cores sóbrias e clássicas, cortes que apagam a silhueta produzindo corpos andróginos. Uma publicação dedicada a *Yamamoto* pela *Taschen* teve como curador *Terry Jones* que iniciou sua carreira em 1970 como diretor de arte da *Vanity Fair* e da *Vogue UK*. A roupa para *Yamamoto* serve como armadura para o corpo feminino, produzido em um processo de criação perigosa e paternal. *Butler* afirma que o gênero é performativo, um conjunto de atos que são interpretados com consequências punitivas caso não seja polarizado ou discreto, que possibilitam a sua expansão através de performances subversivas. O corpo andrógino resultante da moda de *Yamamoto* desafia a concepção de gênero tradicional de matriz heterossexual e acaba por criar uma nova alternativa de feminilidade. Este estudo visa examinar as fotos, a entrevista com o designer, o texto do através da Análise Dialógica de Discursos como sujeito, cronotopia e exotopia.

**Palavras-chave:** ADD, mulher, gênero.

**1. Taschen: Yohji Yamamoto**

*Yohji Yamamoto* é um dos estilistas japoneses mais conhecidos no mundo da alta-costura, contemporâneo do também japonês *Kenzo*, *Yamamoto* se destaca pelo uso principalmente de cores sóbrias e clássicas como “preto, branco e o vermelho” “azuis muito escuros, cinzentos e amarelos, acompanhados por ocre, dourados e prateados” (JONES, 2012, p. 109); cortes que apagam a silhueta produzindo corpos andróginos. *Yamamoto* produz uma moda que serve como armadura para o corpo feminino. A *Taschen*, uma editora com sua base em Colônia, na Alemanha publicou uma edição em língua inglesa com anexos em língua portuguesa dedicada ao estilista japonês *Yohji Yamamoto* que será o objeto desta pesquisa. O corpo que veste *Yamamoto* torna-se andrógino desafiando a concepção de gênero tradicional de matriz heterossexual. Esse artigo visa analisar os discursos acerca da mulher que é a base da criação de *Yamamoto* através da Análise Dialógica Discursiva partindo de noções de sujeito, cronotopia e exotopia.

## 2. Moda e Anti-Moda

O discurso da moda originalmente partiu de um tempo e espaço que se interligavam que Bakhtin (2010, p. 211) chama de cronotopo:

No cronotopo artístico- literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices de tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico.

O discurso hegemônico da moda parte do cronotopo Paris e se interliga aos centros culturais como Londres, Nova York e mais recentemente Tóquio. Tóquio sempre foi o local onde excedia o campo de visão em relação ao cronotopo distinto de Paris, Londres e Nova York, Tóquio era onde os discursos da moda refletiam e refratavam continuamente, ou seja, era o exotopo do mundo da alta-costura. A história da moda japonesa se confunde com a história de Yamamoto, e a contribuição e reconhecimento de Tóquio como um cronotopo da moda deixando de ser um exotopo.

De acordo com Gérard Genette (1997, p. 3) os textos se inter-relacionam entre si, essas relações são agrupadas pelo termo geral transtextualidade, sendo que a paratextualidade é uma “relação, menos explícita e mais distante da obra, constituída pelo conjunto apresentado em uma obra literária” como: “ilustrações”, “capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos.” Um paratexto autógrafo é um texto escrito pelo próprio autor sobre sua obra, por exemplo, enquanto que o texto alógrafo são os textos escritos por curadores como Terry Jones que fala acerca da obra de Yamamoto. Dessa forma a publicação é entrecortada por vozes que partem de indivíduos que ocupam posições distintas na sociedade, e os seus discursos carregam as relações de gênero.

O site da *Taschen* com as descrições da revista configura-se como um dos paratextos alógrafos que apresenta o editor e o curador *Terry Jones* como sendo:

Fundador e Diretor criativo do *i-D* magazine, **Terry Jones** começou sua carreira na moda na década de 1970s como diretor de arte da *Vanity Fair* e *Vogue UK*. Desde 1977 seu estúdio *Instant Design* produziu catálogos, campanhas, exposições e livros incluindo TASCHEN's *Smile i-D*, *Fashion Now 1*, *Fashion Now 2* and *Soul i-D*. <sup>1</sup>

A posição que Jones ocupa na indústria de moda confere uma autoridade ao seu discurso. Ainda, no site da Taschen a publicação dedicada a Yamamoto é descrita oficialmente como:

#### **A arte da anti-moda**

#### **Yohji Yamamoto: O designer de moda que redesenhou a moda**

Como uma dos designers mais rigoroso mentalmente trabalhando na moda, **Yohji Yamamoto** cria peças de vestuário que podem ser intelectual – pois é explorado aqui via os arquivos da revista *i-D* magazine começando de volta à década de 1980s, incluindo sua adoração por mulheres e formas femininas, o processo doloroso de criação de uma anti-moda através da moda e como seus desenhos utilitários e atemporais podem ser tanto vanguarda e clássico ao mesmo tempo. Publicados em 120 páginas contém informações biográficas e pessoais assim como imagens de mais de 30 anos de história da *i-D* com imagens de fotógrafos incluindo **Paolo Roversi**, **Max Vadukul**, e **Nick Knight**, mais entrevistas com **Jamie Huckbody**, **Holly Shackleton**, e **Terry Jones**. <sup>2</sup>

Essa nota estabelece uma noção temporal de cerca de mais de 30 anos de existência da revista *i-D* de Jones e da carreira de Yamamoto, como se as duas trajetórias se entrecruzassem. A moda de Yamamoto é descrita não só como um trabalho de labor físico, de corte de tecidos, e de uso de agulhas, mas um processo de produção material

---

<sup>1</sup> Original em inglês, tradução da autora: Founder and Creative Director of *i-D* magazine, **Terry Jones** started his fashion career in the 1970s as art director of *Vanity Fair* and *Vogue UK*. Since 1977 his *Instant Design* studio has produced catalogues, campaigns, exhibitions and books, including TASCHEN's *Smile i-D*, *Fashion Now 1*, *Fashion Now 2* and *Soul i-D*. (fonte: [http://www.taschen.com/pages/en/catalogue/fashion/all/02847/facts.yohji\\_yamamoto.htm](http://www.taschen.com/pages/en/catalogue/fashion/all/02847/facts.yohji_yamamoto.htm))

<sup>2</sup> Original em inglês, tradução da autora:

#### **The art of anti-fashion - Yohji Yamamoto: The fashion designer who redesigned fashion**

As one of the most mentally rigorous designers working in fashion, **Yohji Yamamoto** creates garments that can be intellectual—sometimes even difficult—yet always beautiful. Yohji's free-spirited world is explored here via *i-D* magazine's archives starting back in the 1980s, including his adoration for women and the female form, the painful process of creating anti-fashion through fashion and how his timeless utilitarian designs can be both avant-garde and classic at once. Packed into 120 pages is biographical and personal information as well as imagery from over 30 years of *i-D*'s history with images from photographers including **Paolo Roversi**, **Max Vadukul**, and **Nick Knight**, plus interviews with **Jamie Huckbody**, **Holly Shackleton**, and **Terry Jones**.

**Fonte:** [http://www.taschen.com/pages/en/catalogue/fashion/all/02847/facts.yohji\\_yamamoto.htm](http://www.taschen.com/pages/en/catalogue/fashion/all/02847/facts.yohji_yamamoto.htm)

que não dispensa o processo mental associado a intelectualidade, buscando a identificação com um público intelectual. Jones aponta o processo doloroso de criação de Yamamoto e da própria criação como uma anti-moda. No entanto, não há como se negar que a anti-moda de Yamamoto é vendida, comercializada e consumida como uma opção de moda no mercado. Conseqüentemente, o processo de criação de Yamamoto é um continuo a desconstruir e a reconstruir estabelecendo um diálogo entre a moda e anti-moda. Há ainda, o aspecto fugaz e passageiro da moda que geralmente está atrelado à velocidade de consumo e das mudanças de estações, Yamamoto consegue burlar essa velocidade através de estratégias que fazem com que suas coleções primavera/verão e outono/inverno dialoguem entre si continuamente, fazendo referência às coleções do passado e antecipando os discursos das cores e formas das coleções vindouras. Pode-se notar que sua coleção representa enunciados verbo-voco-visuais de estética, que questionam a tendência hegemônica da feminilidade e de masculinidade dos corpos fêmeas e machos cujas vestimentas e indumentárias fazem parte da performatividade de gênero que em última instância associa os corpos à sexualidade.

### 3 Fei Fei e o Kimono

A capa e a contra capa também representam paratextos alógrafos. A modelo da capa fotografada chama-se *Fei Fei Sun* de nacionalidade chinesa, estilizada pela americana Havana Laffitte que coordenou a vestimenta sendo fotografada pela argentina Paola Kudacki. Fei Fei veste um vestido preto de Yamamoto, por cima uma camisa branca de golas e mangas compridas de Yves Saint Laurent, meias pretas de inverno Carven e sapatos pretos de fivelas Prada. A camisa é vestida por cima do vestido e é amarrada a sua cintura com uma faixa preta e barbante, o que lembra um quimono japonês amarrado à cintura 3. Nota-se que a camisa foi propositalmente deixada aberta para que a parte superior do vestido ficasse à mostra, alongando a silhueta. O plissado na parte superior do vestido preto deixado à mostra contrasta com a camisa branca e lembra tanto um leque, como um babado no estilo vitoriano que dialoga com a camisa. A foto na

---

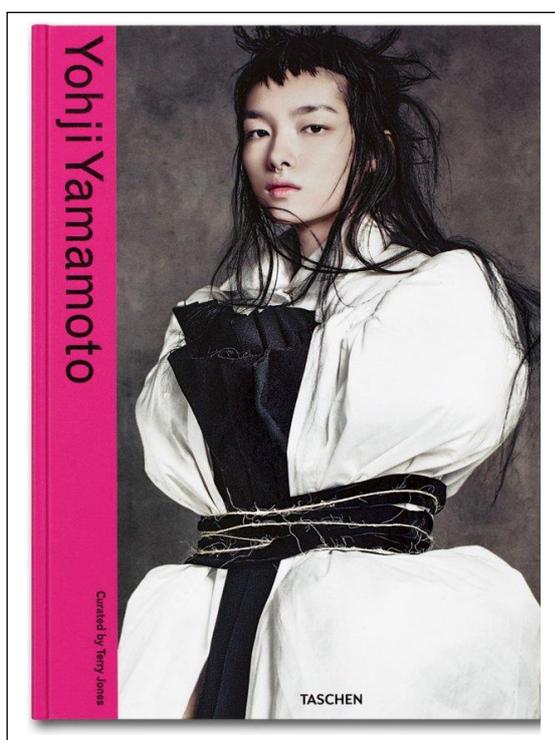
3 JANELLE. Proportionality. Daily Feed. Dec. 3<sup>rd</sup> 2010. Disponível em: < <http://models.com/feed/?p=14939>> Acesso em 11 Nov. 2014.

Íntegra está disponível na página 46 da publicação e foi publicada anteriormente na edição de número 310, no inverno de 2010 da revista *i-D* (JONES, 2012, p. 118).

Figura 1: capa

Fonte: Taschen.com

A foto de Fei Fei na capa antecipa o que é dito da moda de Yamamoto como “armadura”, que ao ser amarrada ao corpo a protege, mas ao mesmo tempo que a protege a roupa engessa limitando os movimentos pelo laço do quimono na cintura. A estilização da artista Havana mostra que o proteger dialoga com o prender e privar de



liberdade de movimentos e, ao mesmo tempo o livrar da necessidade de se mover ou de se defender, pois a roupa de fato funciona como uma blindagem. Tal conceito está presente no discurso de Yamamoto transcrito por Jones: “Mulheres são tudo para mim. Escolhi trabalhar na moda para eu poder ajuda-las a proteger as mulheres de muitas circunstâncias perigosas. Minha moda é algumas vezes chamada de armadura, armadura para a vida.”<sup>4</sup> (JONES, 2012, p. 23).

A contracapa é a foto do próprio designers Yohji Yamamoto tirada por Takeyoshi Tanuma em 1981 que foi publicada na *i-D* edição “Livin’ Loud” número 311, pré-primavera em 2011. A foto em preto e branco mostra o designer jovem, magro, com barba crescida em seu ateliê em meio a metros de tecidos pendurados em bastões. O artista parece segurar esses bastões alongando a sua silhueta. Ele veste uma camisa de mangas compridas clara enroladas em seus punhos como se mostrasse uma prontidão ao exercício da profissão e uma calça escura de algodão, cujo comprimento curto quebra a formalidade. Calça sapatos com seu

<sup>4</sup> Original em inglês, tradução livre da autora: “Women are everything to me. I chose to work in fashion so that I could help women from many dangerous circumstances. My fashion is sometimes called armour, armour for life” (JONES, 2012, p. 23)

acabamento de pele com cadarços, que chamam a informalidade, quebrando a formalidade excessiva sem deixa-lo deselegante e fino. Na contracapa inscreve-se verticalmente uma versão editada do texto que se encontra no site da *Taschen* acerca do designer e sua adoração pela forma do corpo feminino.

#### 4 Sujeitos e Discursos de Gênero

O sujeito para Bakhtin se constrói através de uma relação dialógica, inserido em um determinado local que está intrinsecamente relacionado com o tempo, ou seja, o cronotopo o sujeito se constrói através de enunciados que carregam o seu discurso que pode refutar ou não um enunciado anterior.

O cronotopo onde Yamamoto faz as suas criações é Tóquio que entrou tardiamente no circuito da alta-costura, sendo o centro Paris, seguido por Londres, por Nova York, e por Milão. A tentativa de se criar uma moda “ocidental” japonesa é um diálogo constante de negação da arte e da identidade japonesa, uma vez que as roupas tradicionais japonesas possuem um circuito de produção, de circulação e de consumo distintas das roupas ocidentais no Japão.

A criação do artista é apresentada na passarela, em revistas, em catálogos de venda de produtos e em vídeos de desfiles no youtube, o que mostra o aspecto altamente performativo que leva ao seu consumo. O artista toca a questão de gênero através de sua criação que sendo performativa vai ao encontro das noções de gênero de Butler (2004, p. 910) que possibilitam a expansão das identidades de gênero através de performances subversivas:

Gender is not passively scripted on the body, and neither is it determined by nature, language, the symbolic, or the overwhelming history of patriarchy. Gender is what is put on, invariably, under constraint, daily and incessantly, with anxiety and pleasure, but if this continuous act is mistaken for a natural or linguistic given, power is relinquished to expand the cultural field bodily through subversive performances of various kinds.

O artista se constrói enquanto sujeito através de seu enunciado acerca da mulher, sem seu discurso paternal ele passa a ocupar um local de autoridade. Como resultado temos a repetição de um discurso onde se instaura as relações de poder

através das diferenças percebidas nos corpos dos indivíduos: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e [...] uma forma primária de dar significação às relações de poder”. (SCOTT, 1995, p. 86)

Yamamoto enquanto designer deseja o empoderamento da mulher e ao mesmo tempo apropria-se do corpo feminino como objeto de seu estudo e de suas experimentações.

Há duas formas de relação do discurso citado de e de discurso narrado: A primeira é linear e conserva as fronteiras entre os dois discursos numa “tendência fundamental da reação ativa ao discurso de outrem pode visar à conservação da sua integridade e autenticidade. A língua pode esforçar-se por delimitar o discurso citado com fronteiras nítidas e estáveis.” (BAKHTIN, 2012, p. 155). As fronteiras nítidas entre um discurso narrado e citado pode ser observado na entrevista do designer realizada por Holly Shackleton, publicado no The Manhood Issue, edição de 296, de fevereiro de 2009:

**Descreva a coleção em três palavras.**

Cerimônia fúnebre. Decadência. Eros.

**Porque é que regressa sempre ao preto nas suas criações?**

Porquê o preto? Preto... preto... outra vez...

[...]

**Qual acha que é o design com uma assinatura mais forte: o vestuário japonês moderno ou tradicional?**

O vestuário japonês tradicional, naturalmente.

**O que é mais importante na moda, o choque ou a dignidade?**

Ambos.

**Tem uma musa?**

Tenho, mas não existe neste mundo. É a minha mulher imaginária. (p. 111)

Nesta entrevista, os contornos dos dois discursos permitem que a vozes se mantenham distintas. O artista aponta a presença da mulher imaginária que instiga suas criações. Holly foca somente no tema, no conteúdo e no aspecto semântico sem influenciar, refutar ou questionar o discurso do outro. A entrevista é transcrita no estilo linear, pautada na racionalidade, no profissionalismo o que lhe confere certa credibilidade.

Já, a entrevista realizada por Jamie Huckbody para *The Sitting*, número 219, de abril de 2002 não segue a relação entre o discurso citado e discurso narrado no estilo linear. Ao contrário, a relação entre os discursos é pictórica, ou seja: “O contexto narrativo esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo

e apagar as suas fronteiras.[...] Sua tendência é atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem” (BAKHTIN, 2012, p. 155) Nesse caso podem ocorrer as variantes do discurso direto e indireto.

Apesar das criações de Yohji terem sido (e continuarem a ser) inegavelmente caras, a sua obra inspira-se nas peças de roupa utilitárias da sua mãe e não nos vestidos ocidentais bonitos que copiava para clientes. “Desde que me lembro, sempre existiu em mim uma mulher, como uma leve sombra. Não é jovem. Não é japonesa. Está sempre a olhar para longe de mim. Ando sempre atrás dela. Mas nunca a alcanço. Se falasse, a sua voz seria áspera. É uma mulher que desistiu de ser mulher. Mas para mim é muito atraente. Está comigo há tanto tempo....” é bem conhecida a adoração que Yohji sente pelas mulheres proclamando-se um feminista, as formas abstratas lisas desafiam as convenções os contornos do corpo, embrulhando as formas femininas em proporções exageradas. Deixam que uma mulher seja ela própria. [...]” (JONES, 2012, p. 114)

Neste fragmento tem-se o *discurso direto preparado* onde o discurso direto emerge do discurso narrado como em: “Apesar das criações de Yohji terem sido (e continuarem a ser) inegavelmente caras, a sua obra inspira-se nas peças de roupa utilitárias da sua mãe e não nos vestidos ocidentais bonitos que copiava para clientes.” A relação do designer com a genitora é um relato íntimo que deve ter sido apreendido no discurso anterior de Yamamoto.

Uma outra forma de relação entre o discurso citado e narrado é o *discurso direto substituído*:

tomar a palavra em nome do outro já está muito próximo do discurso indireto livre.[...] Naturalmente, uma tal substituição supõe um paralelismo de entoações, correndo na mesma direção entoação do discurso do autor e o discurso substituído do herói (o que ele poderia ou deveria pronunciar e do qual o autor se encarrega); por isso, não há nenhuma interferência nesse caso. (p. 178)

Apesar de o artista carregar um discurso que a mulher inspiradora não seja a mulher japonesa, o apagamento da sensualidade no seu discurso “deixar de ser mulher” vai ao encontro da noção de sensualidade tradicional japonesa. O discurso japonês mostra que *tradicionalmente* a sensualidade japonesa está no apagamento da sensualidade, notado no discurso do *kimono*, que é vestido em camadas e amarrada à cintura. Se por acaso o corpo feminino for excessivamente cinturado há a necessidade de

se enrolar toalhas na cintura para que seja amarrada a faixa larga de *obi* à cintura. Apaga-se dessa forma a curva do corpo para que o corpo feminino possa vestir o *kimono*.

A entrevista que Jones realiza com Irène Silvagni, atual consultora e diretora criativa do artista e ex-diretora de moda da Vogue francesa foi publicada na i-D, A edição *The Livin' Loud*, número 311, pré-primavera 2011. No fragmento abaixo, o designer é descrito através de um terceiro olhar que é o olhar de Silvagni, narrado por Jones entre aspas, pois trata-se de um discurso transcrito, e, portanto, direto e de estilo linear, mantendo intacto os dois discursos. Jones mantém o racionalismo enquanto que Silvagni dá depoimentos emotivos, portanto Jones mantém o estilo linear ao retratar o discurso de Silvagni, mas Silvagni mescla as fronteiras do seu discurso e do discurso do artista:

“[...] Não penso em Yohji como um designer de moda. É ais um artista que por acaso trabalha em moda. [...] Contudo, o que é realmente importante é que os desfiles deles nunca foram ameaçadores para mim enquanto mulher. Nunca me pareceu que andavam a brincar com mulheres bonitinhas como se fossem bonecas ou alguma coisa assim. [...] A primeira “Kimono Collection” fez-me chorar. Não sabia nada sobre quimonos, mas a apresentação fez-me sentir que Yohji estava finalmente a ser verdadeiro consigo próprio, após muitos anos de resistência. Nela, tudo estava amalgamado: roupas belas, mestria fantástica e as lutas pessoais de Yohji. Depois da apresentação, vi o Yohji nos bastidores sozinho. Vê-lo me fez chorar. Não consegui reter as lágrimas. Yohji fez que a moda é a língua que ele fala. E, de uma forma estranha, as roupas pareciam sair-lhe da alma. Como se estivessem repletas de todas as suas emoções e a sua força. [...]”

Como resultado, Silvagni mostra a tensão da moda de Yamamoto de negação da vestimenta tradicional japonesa, ao se fazer moda japonesa de estilo ocidental. A coleção intitulada “Kimono Collection” apaga as fronteiras entre as vestimentas japonesas e as vestimentas ocidentais, de um Yamamoto que também é um lutador de arte marcial. A emoção dela ao ver mostra que o seu discurso narrado foca no conteúdo semântico do discurso de Yamamoto, e na própria expressividade do discurso narrado.

Jones descreve a estreia de Yamamoto nas passarelas de Paris e 1981 ao som de batimentos cardíacos frente a uma reduzida multidão. Esse fragmento mostra o começo da história da moda de Yamamoto com a sua entrada no centro do mundo da alta-costura causando rupturas em um desfile-arte:

[O]s cortes assimétricos e o estilo largo das criações do Yohji estabeleciam um contraste definido com as tendências bodycon de peças extremamente justas que se impunham nos desfiles da época. 'Quando comecei a fazer vestuário, o meu único pensamento era pôr as mulheres a usar aquilo que se considerava vestuário masculino', explicou Yohji. 'Nessa altura, as mulheres japonesas usavam, naturalmente, vestuário importado e eu detestava isso.' Preferindo os fatos de trabalho [roupa de trabalho] japonês e uma silhueta predominantemente preta e superdimensionada [em tamanhos grandes], Yohji conseguiu mudar completamente a percepção que a moda tinha da feminilidade. O tema da coleção outono/inverno 1986 de Paris era o paradoxo da obsessão do corpo perfeito. 'Destruía as ilusões das mulheres que usavam o vestuário, transformando-o em objeto de estudo' recordou ele. Avançados trinta anos no tempo e Yohji tem discreta, mas consistentemente desafiado o mundo da moda, produzindo vestuário masculino e feminino calmo, contemplativo e austero, muitas vezes divertido, sempre belo. Recusa-se a seguir tendências, muitas vezes procurando inspiração da rua e defendendo a individualidade. (JONES, 2012, p. 109)

O fragmento mostra o discurso narrado de Jones que introduz o discurso citado de Yamamoto, sendo que o foco é a expressividade que parte do campo do "individualismo realista crítico" onde Jones, dilui o contexto de narração assumindo os valores de Yamamoto (p. 170). Como se nota em: "[O]s cortes assimétricos e o estilo largo das criações do Yohji estabeleciam um contraste definido com as tendências bodycon de peças extremamente justas que se impunham nos desfiles da época." O discurso do artista se sobressai no discurso narrado, o que Bakhtin (2012, p. 170) explica como: "discurso direto é preparado pelo indireto emerge como que dentro dele [...] é uma das inumeráveis variantes do discurso direto tratado pictoricamente. Essa é portanto, a natureza da variante analisadora da expressão do discurso indireto." Jones narra a forma como Yamamoto contemplava a moda que vinha do cronotopo ocidente e o seu discurso coercivo do "bodycon" em aderir ao corpo, mostrando as curvas, expondo assim a sensualidade que virava sinônimo de feminilidade. Jones também explica a preferência do artista por roupas masculinas folgadas que permitiam conforto, apagamento da silhueta, possibilitando uma opção de feminilidade na moda.

O discurso do artista sobressai ao de Jones, uma vez que a cor preta faz parte da cultura japonesa de corporações e de empresas que Yamamoto tanto hesitou em fazer parte. O terno preto faz parte do vestuário de um indivíduo japonês masculino adulto que o porta em cerimônias de casamento e em funerais modificando a cor da gravata sendo branca no primeiro caso e preta no segundo caso. Os rituais fazem parte da cultura corporativa de uma empresa. Cobrir o corpo feminino nestas vestes implica em

empoderamento da mulher. O artista oferece alternativas de gêneros para as mulheres expandindo a possibilidade de assumirem novas feminilidades que os *bodycons* não permitiam até então.

## 5 Conclusão

Este trabalho teve como foco o estudo dos discursos presentes na edição da *Taschen* dedicada a Yohji Yamamoto. Teryy, o curador, cria uma narrativa através das fotos escolhidas e através do discurso narrado e do discurso citado acerca do artista e de sua criação. A negação da sensualidade do corpo feminino torna-se marca do estilo do designer que inicialmente se afastou das vestimentas tradicionais ao produzir, comercializar e distribuir vestimentas ocidentais. Com os desfiles “Kimono Collection” que na verdade eram desfiles de uma moda de vestimentas ocidentais que dialogavam com texturas, padrões, cores de vestimenta tradicional japonesa há uma afirmação da fluidez de gêneros com a sobreposição de tecidos no corpo feminino. O terno e as cores pretas empoderaram a mulher e deram uma opção de feminilidade até então inexplorada. Contudo, a criação de Yamamoto pode ao mesmo tempo ser coerciva em nome da segurança e da não exposição do corpo feminino funcionando tanto como uma armadura que prende quanto uma proteção que liberta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2012.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BUTLER, J. Performative acts and gender constitution. RIVKIN, J.; RYAN, M. (orgs.) In: **Literary theory: An Anthology**. Oxford: Blackwell P. 2004, p. 901-11.

GENETTE, G. **Palimpsests: Literature in the Second Degree**. London: U.of Nebraska P.1997.

JANELLE. Proportionality. **Daily Feed**. Dec. 3<sup>rd</sup> 2010. Disponível em: <<http://models.com/feed/?p=14939>> Acesso em Nov. 11, 2014.

JONES, T. **Yohji Yamamoto**. Köln: Taschen, 2012.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

## **SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:**

Possui graduação em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará, especialização em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes, mestrado em Língua Inglesa e literatura Correspondente pela Universidade Federal de Santa Catarina com bolsa da CAPES.